

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
PROJETOS EXPERIMENTAIS
ORIENTADORA: SÔNIA MALUF
ALUNA: FLAVIA MAIA DA NOVA

RELATÓRIO: Ribeirão da Ilha
a Vila e sua Freguesia

Florianópolis
novembro/1997

Fragmentos de um Diário

Quando em março deste ano resolvi fazer uma grande-reportagem sobre o Ribeirão da Ilha, eu já tinha uma meia dúzia de fontes por lá. É que há dois anos, enquanto cursava a disciplina Fotojornalismo III, fiz várias tomadas fotográficas do distrito. Os assuntos abordados eram a arquitetura e paisagens locais.

Gostei muito do Ribeirão (antes disto eu nunca tinha ido lá) e, principalmente, da Vila da Freguesia. O trabalho ficou legal e apareceu a sugestão para que eu retomasse o Ribeirão como tema do projeto final de curso.

Ainda neste tempo, precisei de bibliografias sobre o distrito e descobri que só existia uma. Era o livro do Prof. Nereu do Vale Pereira. Posso dizer que já o li quatro vezes, sendo também responsável pela escolha do meu projeto. O livro, embora sua construção de texto não me agrade muito, foi significativo por mostrar o valor histórico-cultural do lugar. Com a minha pesquisa, acabei descobrindo que algumas informações contidas nele, na prática, não são bem assim.

Como a obra do Prof. Nereu fala de todo o distrito, resolvi buscar um novo enfoque, dando mais ênfase ao centro-histórico do lugar, restringindo geograficamente a pesquisa e focalizando a vila com os seus moradores. A idéia inicial era relatar os costumes, a economia, a religião, as crenças, enfim, a cultura e como ela sobrevive em um lugar histórico, que está em constante contato com o progresso e o turismo. Também pensei em abordar a história e a geografia, a fim de contextualizar melhor o trabalho.

Desde o começo quis deixar claro que a minha intenção era descrever a Vila da Freguesia, e não a interpretar. O que fiz foi uma ligação entre o passado e o presente do lugar, tornando o meu trabalho uma ponte entre a memória "açoriana" e o dia de hoje.

Não me aprofundei em nenhuma questão, apenas quis levantar os principais tópicos. Com as entrevistas, acabei me dando conta de que em vez de alguns tópicos, existe uma identidade. É impossível separar a religião de outros aspectos, por exemplo; tudo está interligado.

Outra descoberta minha foi de que não tem como falar só da Vila da Freguesia. Em muitas vezes, tratar de todo o Ribeirão foi obrigatório.

As referências bibliográficas que peguei para ler passaram-me tanto uma sensação de “livro chato”, que preferi fazer uma reportagem com textos curtos, dinâmicos e ilustrados com fotos. Não que aquelas obras não tivessem ilustração, mas a leitura era pesada. Também procurei deixar claro que não queria ser avaliada pelas fotografias, que embora tenham sido batidas por mim, são apenas ilustrativas.

Um dos desafios do meu projeto era ganhar a confiança e simpatia dos moradores. Teve quem fechou a porta na minha cara, teve quem me enrolou até o último dia dizendo que amanhã era dia de entrevista, mas teve também quem abriu as portas e me convidou para almoçar. Na maioria das conversas, usei o gravador. Condicionei-me a uma disciplina de, ao chegar em casa, logo transcrever a fita e rabiscar observações. Eu preferi fazer tudo em seguida para não deixar nada no caminho. Enquanto lia os livros era a mesma coisa: lia e fazia o fichamento deles. Isto ajudou muito quando escrevi a reportagem.

Uma outra dificuldade era encontrar nos livros registros de índios e negros que também colonizaram o sul da ilha. Parece que a maioria das bibliografias ignora este fato. Enquanto isso, os ribeironenses, principalmente os moradores da Freguesia, teimam em afirmar que são açorianos, como se ainda tivessem alguma relação com os atuais habitantes do Arquipélago. Eles estão distantes há pelo menos 250 anos de mudanças, que atingem tanto os moradores do Ribeirão da Ilha quanto os açorianos do outro lado do Atlântico.

Não é intenção do meu trabalho entrar na discussão do conceito açoriano. Também não faz parte dos planos ser crítica, apenas quis registrar fatos, contos e características da vila e sua freguesia através da pesquisa de campo, uma tentativa de entrar na realidade de outra cultura.

Apesar de alguns contratemplos, o cronograma do projeto foi cumprido, não à risca, mas à tempo. Nas entrevistas, esbarrei com o receio de alguns moradores em serem abordados. Não ter sido bem recebida pelo Prof. Nereu também não estava no programa. Antes mesmo do nosso primeiro encontro, ele mandou dizer que “odeia” jornalista. A distância do centro da cidade até o Ribeirão foi outro complicador. A

chuva, constante no mês de outubro, também atrapalhou minhas andadas por lá. Isto tudo sem falar na máquina fotográfica que, mesmo nova, deu problemas. Mas nada disto foi capaz de inviabilizar minhas intenções.

O projeto deu certo, com o trabalho de campo superando minhas expectativas. Sobre a orientação, ela foi um fator fundamental para o desenvolvimento desta reportagem. Tanto a cobrança da Soninha em cima das entrevistas, dos textos e da leitura, quanto a liberdade que ela me deu em deixar o trabalho com a minha cara - mesmo sendo torta ou feia - só ajudaram.

Enfim, a reportagem está aí para contribuir não só com a memória do Ribeirão, mas também com a história de Florianópolis e de Santa Catarina.

Flavia Maia da Nova